



Encontro Nacional de Artes da Cena

Patética: experiência (áudio) visual de um texto censurado

Ana Flávia Ferraz (Ufal)
Ana.ferraz@ichca.ufal.br

Otávio Cabral (Ufal)
Ocabral50@gmail.com

Will Oliveira (Ufal)
wmwillikmaarkin@gmail.com

Resumo: O trabalho tem como proposta abordar a montagem do texto *Patética: a verdadeira história de Glauco Horowitz*, realizada em 2025 por alunos/as do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. A escolha da obra se deveu a dois fatores: os 50 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog e os 40 anos do processo de redemocratização brasileira.

Palavras-chave: Teatro. Ditadura militar. encenações híbridas.

Introdução:

Neste trabalho propomos uma discussão sobre a produção multilinguagem da montagem de *Patética: a verdadeira história de Glauco Horowitz*, buscando refletir sobre os processos de criação artística através da relação construída entre a fotografia, o audiovisual e as artes cênicas, atravessada pela emergência de se debater sobre um dos períodos mais sombrios da história política brasileira: a ditadura militar.

Para tanto, tomamos as reflexões de Miguel Chaia sobre as relações possíveis entre a arte e a política, as encenações híbridas, através da perspectiva de cena expandida, de Gabriela Lírio Monteiro e do cinema expandido de André Parente, para pensarmos as diversas camadas e possibilidades de interações entre as artes.

Patética, texto de João Ribeiro Chaves Neto, cunhado de Vladimir Herzog, ou Vlado, como era conhecido o jornalista, conta, através da personagem Glauco, a história do jornalista desde sua chegada em terras brasileiras, fugindo, ainda criança, da perseguição nazista na Iugoslávia, até sua morte nos porões do Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações de Informações (DOI-CODI) em 1975, durante a ditadura civil militar brasileira.

Escrito um ano após a brutal morte do jornalista, o texto, inscrito no VIII Concurso Nacional de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro (SNT) de 1977, ganhou, por unanimidade, o primeiro lugar, mas teve a premiação suspensa. O texto foi confiscado pelos órgãos de segurança e o dramaturgo impossibilitado de usufruir dos prêmios que deveria receber.

A peça só foi liberada em 1979 e na década de 1980, dirigida pelo famoso encenador Celso Nunes, foi finalmente apresentada. Até os dias atuais a peça recebeu poucas montagens e se constitui em um dos textos mais emblemáticos do teatro de resistência brasileiro.

Alguns pressupostos teóricos

Em seu capítulo intitulado Arte e Política, o sociólogo Miguel Chaia (2007), nos apresenta algumas situações onde a arte e a política se entrelaçam. Da estetização da política à politização da arte, gostaríamos de destacar o que o autor chama de “arte crítica” (Chaia, 2007, pág. 22). Trata-se, portanto, daquela forma de arte em que se estabelece uma relação direta com a consciência crítica e política do artista, provocando um tipo de produção artística que dialoga com a sensibilidade e a mobilização social. Interessa-nos, desta forma, pensar na estreita relação entre o artista crítico de Miguel Chaia e a atuação do dramaturgo João Ribeiro Chaves Neto.

De Gabriela Lírio Monteiro (2026) e André Parente (2009) tomamos as reflexões sobre a hibridização das artes para ensejar um diálogo teórico e estético entre a fotografia, o audiovisual e o teatro. Parente apresenta o conceito de cinema expandido para repensar os espaços hegemônicos da sétima arte. O autor nos alerta para a reinvenção da sala de cinema através de processos de produções artísticas contemporâneas e expande a experiência para

espaços outros, como museu, instalações e, também, o teatro - espaço que mais nos interessa neste trabalho.

Monteiro (2016, pág. 40), por outro lado, vai chamar de cena expandida:

aquela que não se circunscreve apenas ao fazer teatral, como àquele associado aos modos de produção e recepção teatrais convencionais, mas também se articula diretamente a áreas artísticas distintas, em uma espécie de convergência que tangencia conhecimentos oriundos das artes cênicas, visuais, das mídias audiovisuais, da *performance*, da dança, da literatura, da fotografia.

A autora considera que refletir sobre a cena expandida nos obriga a pensar sobre a inespecificidade dos campos artísticos, promovendo espaços de articulações entre as artes, borrando a divisão entre os saberes. Desta forma, “estamos diante de uma zona de contaminação que transforma suas fronteiras em zonas de indefinição, levando a formas híbridas de criação” (2016, pág. 40).

Um exercício multilinguagem

Partindo da escolha da obra e sua inserção no momento político atual, dialogando com as possibilidades de promover encenações híbridas, montamos *Patética* sem perder de vista a aposta pela experimentação, pelo diálogo entre artes e pela experiência interdisciplinar. *Patética* como um exercício multilinguagem.



Foto 1: personagem Glauco Horowitz (atriz:Bárbara Noely)

Foto 2: personagem Glauco Horowitz (atriz:Bárbara Noely)

III EM CENA- Poéticas e Estéticas da Resistência
III Encontro Nacional de Artes da Cena da Ufal- Universidade Federal de Alagoas
05 e 06 de novembro de 2025
11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas



Foto 2: Cena de tortura- personagem O Home de Botas (ator: Eliwelton Farias) e personagem Glauco Horowitz (atriz: Bárbara Noely)



Foto 3: Vídeo do prólogo da peça (Atriz: Raquel Collaço)



Foto 4: Imagem de Teatro documentário em Cena

III EM CENA- Poéticas e Estéticas da Resistência
III Encontro Nacional de Artes da Cena da Ufal- Universidade Federal de Alagoas
05 e 06 de novembro de 2025
11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas

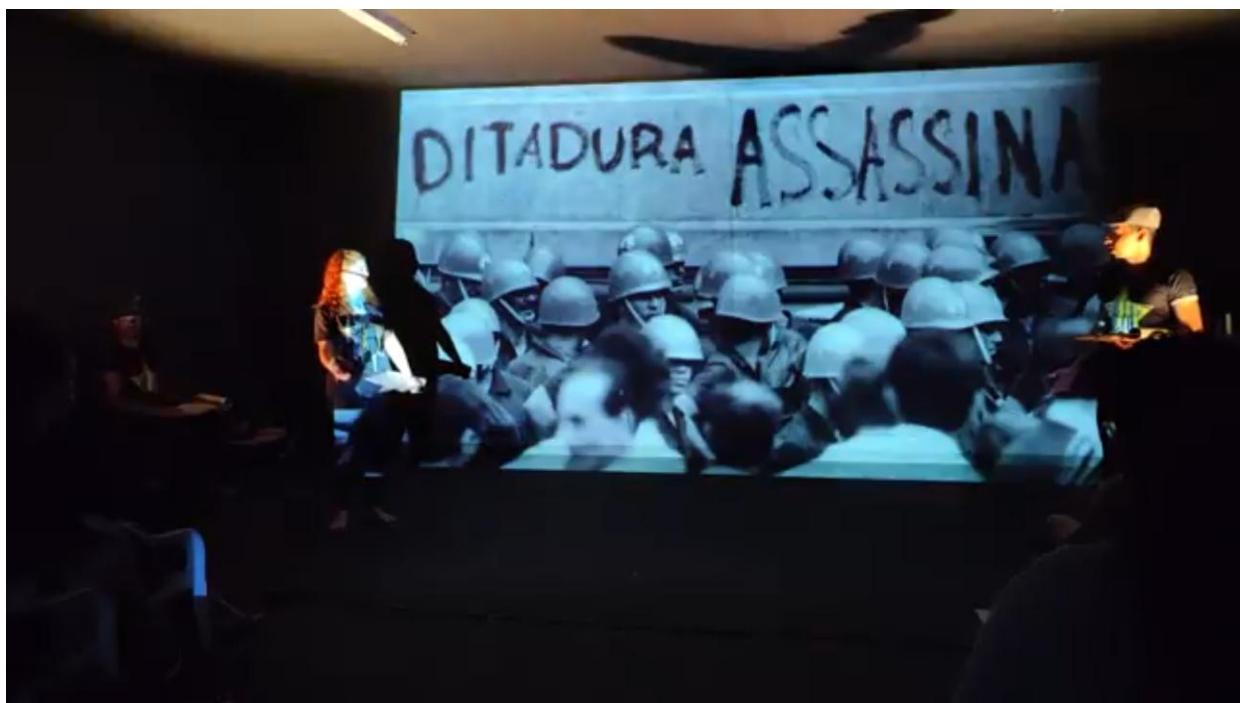


Foto 5: Cena expandida: audiovisual como cenografia (atores: Rafella Nobre e Eliwelton Farias)



Foto 6: Cena expandida: jogo entre audiovisual e teatro- a atriz Bárbara Noely no palco e a atriz Isa Soares no vídeo.



Foto 7: Final da peça: homenagem a Vladimir Herzog.

Cena expandida: audiovisual como cenografia

Considerações finais:

O exercício cênico segue reverberando entre os/as participantes e gerando espaços de reflexões, pesquisas e experimentações que promovam a hibridização artística.

Fotografia, documentário cênico, o uso do audiovisual como cenografia, o cinema como parte da cena, foram alguns dos diálogos interartes promovidos por nossa montagem, mostrando, portanto, como as interações entre as artes promove um vasto e interessante campo de experimentação.

Bibliografia

CHAIA, Miguel (org). **Arte e Política**. Editora Azougue, 20027.

GARCIA, Miliandre. **Patética**: o prêmio e as censuras (anos 1970). Baleia na Rede (UNESP. Marília), v. 9, p. 135-157, 2013.

MONTEIRO, Gabriela Lírio Gurgel. **A Cena Expandida**: alguns pressupostos para o teatro do século XXI. ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, Natal, v. 3, n. 1, p. 37–49, 2016. DOI: 10.36025/arj.v3i1.8427. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/8427>. Acesso em: 29 ago. 2025.

PARENTE, André. **A forma cinema**: variações e rupturas. In: *Transcinemas*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Autoritarismo versus liberdade de expressão**: o teatro brasileiro dribla a censura com perspicácia. *Antiteses*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 67–90, 2015. DOI: 10.5433/1984-3356.2015v8n15p67. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/21080>. Acesso em: 3 maio. 2025.

SILVA, Jônata Gonçalves da. **A verdadeira história de Vladimir Herzog e o patético fim de Glauco Horowitz**. *Revista DAPesquisa*, v.12, n.19, p.57-68, Agosto 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/10826/7026>. Acesso em: 22/04/2025.